

Lula e Ciro pedem retratação

■ Candidatos chegam a sugerir renúncia do presidente do TSE

São Paulo - Os dois candidatos oposicionistas, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Ciro Gomes (PPS), pediram ontem, conjuntamente, a renúncia do presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o ministro Ilmar Galvão, que, segundo afirmam, declarou no último final de semana sua posição pessoal em favor da reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso. Cautelosos, ambos os líderes da oposição apontaram para o risco de perda de legitimidade do pleito.

"Se o ministro não fizer categoricamente um desmentido, sou obrigado a dizer que o processo eleitoral é suspeito. No mínimo, ele deve renunciar, para dar lugar a uma pessoa que fale menos e aja mais ocupando a função", declarou Lula. Para o PT, o ministro deve convocar cadeia de rádio e TV para esclarecer a situação.

Para Ciro, a declaração de Galvão "transforma o Brasil em objeto de galhofa, mais do que uma república de bananas". "Se ele não se retratar de forma inequívoca e se não renunciar, fica complicado", emendou o candidato do PPS, para quem esse pleito tem sido marcado pela forte influência do poder econômico, pelo uso da máquina do Estado, pela manipulação da mídia e das pesquisas de intenção de voto.

"Não somos inocentes. As pesquisas viraram instrumento escandaloso de manipulação da opinião e de propaganda. Vocês vão ver como agora os institutos farão ajustes nas pesquisas", disse Ciro, sugerindo que tanto ele como Lula têm mais pontos nas pesquisas de intenção de voto do que aqueles divulgados até o momento.

Lula preferiu manter o ministro Galvão em sua mira. "É de estranhar que o atual presidente do tribunal já tenha cometido dois deslizes. Primeiro, disse que esperava que a eleição terminasse no 1º turno. Agora, na tentativa de

explicação sobre sua posição a favor do Presidente, Galvão se enrolou mais", afirmou o petista, que fez questão de lembrar que, em 1989, o então presidente do TSE, Francisco Rezek, após presidir o pleito, aceitou cargo no ministério do vencedor, Fernando Collor de Mello.

Ambos também criticaram o comportamento da mídia nessa eleição. Para as oposições, grande parte da imprensa tem contribuído para que não haja debate sobre a eleição e sobre crise, e vêem uma intencional predisposição para evitar um segundo turno. Ciro afirmou que a TV Globo não cobre a eleição. Lula, por sua vez, afirmou que desde a criação da legislação a "idéia era fazer a eleição no menor tempo possível para dar à oposição o menor tempo possível para criticar".

Embora o manifesto à Nação que os oposicionistas subscreveram tenha sido feito antes da declaração de Galvão, o texto do documento aponta que "setores da mídia foram transformados em agências de propaganda do candidato-presidente", com o objetivo de manter a sociedade desinformada. "Se Fernando Henrique não tivesse perdi-

do a compostura e jogado na lata do lixo uma biografia brilhante para se entregar ao conchavo da reeleição, perceberia que era nesse debate que ele readquiriria as energias para o dia seguinte da eleição", disse o candidato do PPS.

do a compostura e jogado na lata do lixo uma biografia brilhante para se entregar ao conchavo da reeleição, perceberia que era nesse debate que ele readquiriria as energias para o dia seguinte da eleição", disse o candidato do PPS.

■ Ontem, o ministro do Tribunal Superior Eleitoral Ilmar Galvão voltou a negar ter declarado ao jornal Folha de São Paulo que a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso fosse "um fato indispensável para a consolidação do modelo econômico do País". A retratação do ministro, foi aceita pela Comissão de Defesa da Ética na Política da Ordem dos Advogados do Brasil que, numa reunião realizada ontem, considerou as declarações do ministro "infelizes", mas levou em conta os esclarecimentos publicados pela imprensa.

Folha - O que o senhor achou do afastamento dos governadores de São Paulo, Mário Covas (PSDB), e do Rio Grande do Sul, Antônio Brito (PMDB)?

Galvão - O afastamento desses governadores foi muito positivo. Não tenho dúvida de que essa atitude concorreu para dois efeitos: a tranquilidade de todos, principalmente da Justiça Eleitoral, e a boa imagem desses governantes perante a opinião pública.

Folha - Então a exigência de afastamento seria suficiente?

Galvão - O afastamento atenuou os efeitos, mas sou contra a reeleição. Desde o início eu me manifestei dessa forma.

Se eu fosse congressista, nunca aprovaria a reeleição para governador e prefeito. Quando muito, para presidente da República, em uma conjuntura como a atual, em que a permanência do presidente da República é um fato indispensável para a manutenção e para a consolidação do modelo econômico que foi implantado no Brasil.

Fac-símile da declaração de Galvão à Folha



Ciro com Lula: "Declarações de Galvão transformam o Brasil em objeto de galhofa"